

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI - UESPI  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**PAULO RICARDO DE CARVALHO**

**PROJETO CINEMA E HISTÓRIA: Um olhar acerca do uso do cinema no ensino-  
aprendizagem da História na escola Cândido Oliveira na cidade de Parnaíba-PI.**

**PARNAÍBA-PI**

**2016**

PAULO RICARDO DE CARVALHO

**PROJETO CINEMA E HISTÓRIA: Um olhar acerca do uso do cinema no ensino-aprendizagem da História na escola Cândido Oliveira na cidade de Parnaíba-PI.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual do Piauí/UESPI, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, como requisito básico para obtenção do Título de Licenciando em História, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Esp. Inegla Cardoso Brito.

PARNAÍBA-PI

2016

C331p

Carvalho, Paulo Ricardo de.

Projeto cinema e história: um olhar acerca do uso do cinema no ensino-aprendizagem da História na escola Cândido Oliveira na cidade de Parnaíba-PI. / Paulo Ricardo de Carvalho - Parnaíba: UESPI, 2016.

51 f.

Orientador: Prof. Esp. Inegla Cardoso Brito.

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, 2016.

1. Projeto 2. Cinema 3. História 4. Ensino-Aprendizagem I. Brito, Inegla Cardoso II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 371.3

PAULO RICARDO DE CARVALHO

**PROJETO CINEMA E HISTÓRIA: Um olhar acerca do uso do cinema no ensino-aprendizagem da História na escola Cândido Oliveira na cidade de Parnaíba-PI.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual do Piauí/UESPI, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, como requisito básico para obtenção do Título de Licenciando em História, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Esp. Inegla Cardoso Brito.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Inegla Cardoso Brito (orientadora)

---

Ivanilda Sá quixaba Ferreira

---

Lucivaldo Quixaba

**PARNAÍBA-PI**

**2015**

Dedico esta monografia a Maria da Conceição: minha mãe, amiga e conselheira, meu porto seguro para todas as horas.

## AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de agradecer aos que tornaram possível a conclusão desta jornada.

Agradeço primeiramente a Deus, por está sempre iluminando a minha caminhada, tornando possível a realização desta pesquisa.

À minha família por seu amor incondicional, sendo minha base estruturante para tudo que desejo realizar na minha vida, porto seguro; Maria da Conceição de Carvalho “a melhor mãe do mundo”, Luíza Francisca “avó amada”, Ana Paula, Lídia e Júnior “irmãos queridos com quem eu sempre posso contar”, Maria Luiza “a sobrinha mais fofa do mundo” obrigado por sempre me ajudarem no foi possível, aliviando o peso do caminho percorrido.

À Victória Sousa, minha namorada, amiga e companheira, com quem posso contar em todos os momentos. Foi um prazer ter concluído a vida acadêmica lado a lado com você.

Aos meus amigos que certamente levarei para vida toda; “Rafael Mata-gato”, Weshington Teles e “Rony cobra”. Obrigado “mosqueteiros” por me ajudarem tanto, pela amizade compartilhada e pelos momentos incontáveis momentos vividos juntos que se tornaram lembranças inesquecíveis.

À Jullyane Frazão, amiga com a qual pude contar nos momentos críticos da realização desta monografia, me aconselhando e orientando sobre a melhor maneira de conduzi-la.

Ao Alessandro e Camilo, pelo companheirismo compartilhado.

A todos da turma de História 2012.01 e a galera da mangueira que se reunia após as aulas para bater um papo, tomar um vinho e ouvir uma boa música de baixo do pé manga mais famoso da UESPI. Ali o foi o palco de grandes histórias de amores e amizades sinceras.

À Inegla Cardoso, minha orientadora, primeiramente por ter aceitado pegar meu trabalho, mesmo eu chegando tardiamente e de forma inesperada, obrigado também por ter feito parte da construção desta pesquisa científica.

A Claucio Ciarlini pela constante disposição em poder me ajudar na pesquisa de campo.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica. Tenho uma imensa gratidão e respeito por todos vocês.

Às pessoas incríveis que conheci graças ao âmbito universitário, que entraram em minha vida e ficaram definitivamente, e as que por algum motivo não puderam permanecer.

E a todos os meus amigos que ajudaram nesse caminho trilhado, de maneira direta ou indireta.

Nunca deixe que lhe digam que não vale apenas acreditar no sonho que se tem, ou que seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém... Quem acredita sempre alcança. (Renato Russo).

## RESUMO

Esta pesquisa busca mostrar como o cinema pode ser usado como ferramenta tecnológica dentro da educação, sendo vista como facilitadora do ensino aprendizagem, mais particularmente no ensino da disciplina de História, tendo o cinema e a História como objetos de estudo. Usamos como norte foi a seguinte pergunta: Como o projeto Cinema e História surgiu, o que enfrentaram e quais os benefícios alcançados dentro do ensino-aprendizagem dos alunos que participaram? A temática justifica-se por sua importância no que se refere ao entendimento de como tem se modificado a maneira de ensinar e aprender nos tempos atuais, de como projetos escolares podem contribuir cultural e socialmente de modo positivo na vida dos discentes. Como objetivo geral, buscamos mostrar a aplicabilidade do cinema dentro da educação através do projeto Cinema e História, ocorrido na escola Cândido Oliveira, na cidade de Parnaíba-PI, entre os anos de 2011 a 2014. Os objetivos específicos mostram a relevância que o projeto teve para os participantes; quais as principais contribuições que o projeto trouxe para os alunos no que diz respeito ao ensino da História e, quais as dificuldades e conquistas alcançadas no decorrer dos vários anos de projeto. Para isso, foi necessária uma pesquisa bibliográfica para nos apoiarmos em vários autores, tais como: Kalinke (1999), Reis (1994), Duarte (2002), Ferreira (2004), Benjamin (1994), Napolitano (2004), Marcuse (1990), além de revistas, sites, etc. em seguida realizamos uma pesquisa de campo, na qual nos utilizamos de entrevistas orais que foram gravadas, com perguntas já formuladas e outras que surgiam no decorrer da conversa. Esta pesquisa mostrou que este projeto foi de crucial importância para que os que participaram, à medida que foram beneficiados não só no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, mas também nos problemas e descobertas do cotidiano dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeto; Cinema; História; Ensino-aprendizagem.



## ABSTRACT

This research aims to show how film can be used as a technological tool in education, being seen as facilitating the teaching and learning, more particularly in teaching the discipline of history, and film and history as objects of study. We use as north was the next question: How Cinema and History project arose, which faced and the benefits achieved within the teaching and learning of the students who participated? The theme is justified by its importance with regard to understanding how has changed the way of teaching and learning in modern times, such as school projects can contribute culturally and socially in a positive way in the lives of students. As a general objective, we seek to show the applicability of cinema in education through the Cinema and History project, occurred in school Cândido Oliveira, in Parnaíba-PI, between the years 2011 to 2014. The specific objectives show the relevance of the project We had to participants; which the main contributions that the project brought to the students with regard to the history of education, and what difficulties and achievements over the years of the project. For this, a literature search was necessary for we rely on a number of authors such as: Kalinke (1999), Kings (1994), Duarte (2002), Ferreira (2004), Benjamin (1994), Napolitano (2004), Marcuse (1990), as well as magazines, websites, etc. then we conducted a field survey, in which we use in oral interviews that were recorded with questions already formulated and others that arose during the discussion. This research showed that this project was crucial that those who participated, as have benefited not only with regard to the learning, but also the problems and students daily discoveries.

**KEYWORDS:** Project; Movie theater; History; Teaching and learning.

## LISTA DE IMAGENS

<b>FIGURA 01</b> -foto dos bastidores do filme: Emanuel.....	40
<b>FIGURA 02</b> -fotos dos bastidores dos bastidores do filme: Emanuel. Equipe responsável pela realização do filme.....	42

## **LISTA DE SIGLAS**

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

NTICs – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 01 - SOCIEDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO</b> .....	15
<b>1.1 TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO: As Novas Tecnologias a serviço da Educação</b> .....	18
<b>1.2 HISTÓRIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS: O uso das Novas Tecnologias dentro do Ensino da disciplina De História</b> .....	22
<b>CAPÍTULO 02: CINEMA E EDUCAÇÃO</b> .....	27
<b>2.1 CINEMA NA HISTÓRIA: O cinema como ferramenta tecnológica facilitadora do ensino-aprendizagem da disciplina de História</b> .....	32
<b>CAPÍTULO 03 - PROJETO CINEMA E HISTÓRIA: O cinema na escola agora é lei</b> ...37	
<b>3.1 VAMOS FAZER UM FILME: Nasce o projeto Cinema e História na escola Cândido Oliveira, Parnaíba-PI</b> .....	38
<b>3.2 O CINEMA E HISTÓRIA ACONTECEU: O funcionamento do projeto nos anos de 2011 a 2014</b> .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
<b>APÊNDICE</b> .....	56

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea e suas crescentes transformações passa exigir mais de seus diversos campos sociais. A educação escolar em seu longo processo histórico e cultural se vê obrigada a acompanhar as metamorfoses dos dias atuais, pois os desafios por melhores resultados vão surgir de todos, principalmente da família dos discentes, com isso se faz necessário uma readaptação educacional para os dias atuais.

A disciplina de História, vista como necessária para uma visão mais ampla e consciente sobre as diversas transformações ocorridas dentro do meio social, já tem uma longa jornada de ensino, com muitas transformações e ajustes, onde em alguns momentos da história das sociedades já foi vetada por ser entendida como uma disciplina libertadora da mente e do corpo, sendo uma saída para povos reprimidos. Assim, nos nossos dias atuais esta mesma disciplina não deixa de passar por transformações na maneira de ensino, para poder se fazer uma adaptação necessária contemporaneidade.

A presente pesquisa tem como tema: “PROJETO CINEMA E HISTÓRIA: Um olhar acerca do uso do cinema no ensino-aprendizagem da disciplina de História na escola Cândido Oliveira na cidade de Parnaíba-PI”. A temática torna-se interessante a partir do momento em que traz visão reflexiva acerca do uso do cinema dentro da sala de aula, como um caminho a ser trilhado para uma possível transformação no ensino-aprendizagem.

Assim, este trabalho Justifica-se por trazer informações relevantes sobre o uso do cinema dentro da educação, mais especificamente dentro do ensino da disciplina de História, as maneiras mais corretas da utilização em sala de aula e as possíveis falhas do trabalho indiscriminado. Aqui visaremos mostrar essas experiências enriquecedoras na prática docente a partir do projeto Cinema e História, que aconteceu na escola Cândido Oliveira, em Parnaíba-PI, entre os anos de 2011 a 2014.

Aqui traremos grandes informações que podem ser absorvidas no que diz respeito ao âmbito pessoal e profissional por mostrar variadas experiências no que tange a educação e também as práticas docentes e discentes do ensino da disciplina de História. Os conteúdos abordados poderão ser de apoio a posteriores pesquisas que possam abranger esta temática. posteriores possam ser consubstanciadas teoricamente.

Foi necessária uma extensa pesquisa bibliográfica para o embasamento do referencial teórico, para procuramos nossa base estruturante em renomados autores que discorriam sobre a temática, tais como: Kalinke (1999), Reis (1994), Duarte (2002), Ferreira (2004), Benjamin

(1994), Napolitano (2004), Marcuse (1990), Adorno (2002), Rodrigues (2002), Rossini (1999), foram consultados também periódicos, revistas, sites, dentre outros.

A pesquisa em in loco foi efetuada através de entrevistas orais e observações realizadas dentro da instituição escolar, sem contar o material audiovisual produzido pelo projeto que foi fornecido para um maior entendimento e exploração do assunto, o intuito era descobrir como surgiu o projeto Cinema e História e como ele se manteve durante seus anos em atividade, suas contribuições para os envolvidos e para a comunidade escolar, entre outras particularidades.

O objeto desse trabalho é a pesquisa de campo em relação ao projeto Cinema e História, onde buscamos saber sobre as nuances que envolviam as produções filmicas realizadas pelos integrantes e todo o conjunto de atividades que são desenvolvidas para a realização desse material. Para isso, primeiramente fizemos contato com o professor de História da escola Cândido Oliveira, que juntamente com os alunos idealizou o projeto, onde o mesmo nos deu orientações e informações a respeito da melhor forma de realizar esse trabalho acadêmico.

A pesquisa se dividiu em três capítulos, na qual no primeiro buscamos explicar sobre as relações da sociedade atual e as tecnologias existentes, posteriormente se relacionando com a educação escolar, as suas contribuições para o ensino e para a prática docente, onde vemos as melhores maneiras de se ter um retorno positivo em relação a sua utilização dentro de sala de aula.

Já no segundo capítulo nos empenhamos em focar no uso do cinema dentro da educação, onde vemos o mesmo como um meio facilitador e dinamizador do ensino partindo do pressuposto que sua forma utilização deve ser feita de forma consciente. Ainda neste capítulo mostramos o cinema sendo utilizado dentro da disciplina de História, onde fica explícito como é cabível e necessária a arte cinematográfica no meio escolar.

No capítulo três encontraremos à pesquisa de campo, onde buscamos conhecer e entender sobre o projeto Cinema e História por meio de entrevistas orais junto aos participantes e idealizadores, a partir daí tivemos uma ideia mais ampla a respeito do seu funcionamento e sua importância para aquela comunidade escolar.

Esta pesquisa nos mostrou que o projeto Cinema e História teve um grande papel dentro da vida das pessoas que participavam e estudavam na escola Cândido Oliveira, onde ajudou muitos alunos direta e indiretamente em problemas, seja em problemas relacionados ao convívio escolar ou aos problemas familiares, funcionando assim como um ambiente de descontração e aprendizado.

A temática: educação e cinema, por envolver questões que abrangem uma grande diversidade de informações, entendemos que as presente aqui não esgotam outras possíveis pesquisas relacionados ao mesmo objeto de estudo, sendo entendida ate como necessárias para um melhor entendimento.

## CAPÍTULO 01

### SOCIEDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A sociedade é pautada em um constante processo evolutivo, que tem como centro de suas mudanças o ser humano e suas necessidades. Com o advento da modernidade o indivíduo na sua qualidade de agente transformador foi desenvolvendo mecanismos facilitadores de suas práticas sociais, provocando mudanças em suas formas de ser, agir, pensar e até mesmo produzir. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico só ganhou proporções maciças com a expansão do capitalismo e sua consequente industrialização.

Na década de 1980 surgem tecnologias que modificam o domínio e as trocas de informação. O conhecimento é disseminado em um curto espaço de tempo e atingindo um número maior de pessoas. A partir desse momento os laços entre o desenvolvimento humano e tecnológico tornaram-se mais estreitos e engendrados em uma atmosfera de interdependência. Dentro dessa perspectiva Kalinke nos fala que:

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. (KALINKE<sup>1</sup>, 1999, p.15).

Estas inovações são traduzidas pelo que Kenski aponta ser o “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de tecnologia (...) às maneiras, aos jeitos ou às habilidades especiais de lidar com cada tipo de tecnologia, para executar ou fazer algo, nós chamamos de técnica”. (KENSKI<sup>2</sup>, 2003, p. 18).

Segundo Arnaud (2005, p. 15) a tecnologia consiste em “um processo criativo através do qual o ser humano utiliza-se de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que

---

<sup>1</sup> KALINKE, Marco Aurélio. Para não ser um professor do século passado. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

<sup>2</sup> KENSKI, Vani Moreira. “O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In:” VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Didática: O ensino e suas relações. Campinas: Papirus, 1996.



está disponível na natureza e no seu contexto vivencial, a fim de encontrar respostas para os problemas de seu contexto, superando-os”. (Arnaud<sup>3</sup>, 2005, p. 15).

Com isso, podemos vislumbrar a aplicabilidade dessas ferramentas no funcionamento da sociedade como um todo, pois acabam desempenhando o papel de conector das interações sociais, funcionais e estruturais na vida moderna, melhorando assim o entendimento, a eficiência e a eficácia dos múltiplos setores estruturantes do sistema social vigente atualmente. Sobre o uso da tecnologia Silveira e Bazzo nos falam que:

A tecnologia tem se apresentado como o principal fator de progresso e de desenvolvimento. No paradigma econômico vigente, ela é assumida como um bem social e, juntamente com a ciência, é o meio para a agregação de valores aos mais diversos produtos, tornando-se a chave para a competitividade estratégica e para o desenvolvimento social e econômico de uma região (SILVEIRA e BAZZO<sup>4</sup>, 2009, p.682).

Entretanto, não podemos marginalizar o efeito das novas tecnologias para a sociedade. Seu uso indiscriminado e livre de processos reflexivos pode ter um efeito nocivo para o senso crítico dos indivíduos, corroborando para a alienação e manutenção social. “É necessário fazermos uma avaliação crítica sobre a tecnologia, sua constituição histórica e sua função social, no sentido de não só compreender o sentido da tecnologia, mas também de repensar e redimensionar o papel da mesma na sociedade” (SILVEIRA e BAZZO, 2009, p.183).

Essa nova configuração informacional do mundo globalizado, onde os conteúdos são vinculados em tempo real e em espaços distintos possibilitou a atribuição de certas alcunhas a sociedade contemporânea, tais como a “Sociedade Pós-Industrial” (Bell, 1973), “Sociedade do Conhecimento” (Drucker, 1994), “Sociedade da Aprendizagem” (Lévy, 1999), “Sociedade da Informação” (Takahashi, 2000), entre outras expressões.

Todas essas expressões giram em torno da troca de conhecimentos acelerada, sendo este ponto motivo de muitas preocupações, pois a população no geral recebe uma gama muito elevada de conhecimentos e acaba não tendo tempo de refletir sobre o que lhes foi repassado. Acabam somente reproduzindo os discursos. Diante do exposto, vale ressaltar que o uso das ferramentas tecnológicas deve ser racional e seu manuseio deve ser orientado de forma que desperte a reflexão nos seus usuários.

---

<sup>3</sup> JUNIOR, Arnaud Soares de Lima. Tecnologias inteligentes e educação: currículo hipertextual. Salvador: Quartet, 2005.

<sup>4</sup> SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. *Ciência & Educação*, v. 15, n.3, p. 681-694. 2009.

Assim, observamos que em uma sociedade que se desenvolve tecnologicamente a cada instante, afeta vários setores sociais. Logo, pretendemos aprofundar a pesquisa nas Novas Tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) interagindo com a educação escolar e, posteriormente, analisar o papel do cinema como ferramenta educativa no ensino da disciplina de História.

Com as constantes transformações ocorrentes é viável repensar as práticas educacionais postas atualmente e que tornam a instituição escolar obsoleta, pois seu papel é indispensável para a formação de indivíduos capazes de superar a reprodução alienante de simples informações, chegando ao patamar de sujeitos pensantes, capazes de mudar positivamente o mundo ao seu redor. Para isso a escola tem que acompanhar as mudanças que surgem a cada instante e assim aprender a “Gerenciar tecnologias, tanto da informação quanto da comunicação, e pressupõe [ainda] ajudar a perceber onde está o essencial, estabelecendo processos de comunicação cada vez mais ricos e mais participativos”. (MORAN apud PORTO<sup>5</sup>, 2006, p.49).

Um dos grandes desafios hoje talvez seja a superação da forma tradicional de ensino, onde o professor é o “detentor absoluto do saber” e os alunos apenas ficam inertes para receber o conhecimento. No entanto, não estamos aqui descartando a tradicionalidade do ensino, pois isso seria desmerecer tudo que foi feito até hoje, mas é preciso uma adequação aos “novos tempos”, já que ainda existem muitos aspectos a serem superadas dentro do campo educativo. Assim, vemos essas inovações como grandes aliadas. Porto fala que:

Ensinar com e através das tecnologias é um binômio imprescindível à educação escolar. Não se trata de apenas incorporar o conhecimento das modernas tecnologias e suas linguagens. É preciso avançar. É preciso ultrapassar as relações com os suportes tecnológicos, possibilitando comunicações entre os sujeitos, e destes com os suportes tradicionalmente aceitos pela escola (livros, periódicos), até os mais atuais e muitas vezes não explorados no âmbito escolar (vídeos, games, televisão, Internet...). (PORTO<sup>6</sup>, 2006, p. 49).

As Tecnologias de Informação e comunicação (TICs) ou Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) são de crucial importância para uma melhora na qualidade da educação. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica de 13 de

---

<sup>5</sup> PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a05v11n31.pdf>, data: jan/abr/2006. Acesso em 05/03/2010.

<sup>6</sup> Idem.

julho de 2010 já previa o seu uso dentro da sala de aula, sendo um importante recurso na prática docente, e tendo como objetivo também a inserção destas no currículo escolar.

Entendemos que esses aparatos são indispensáveis na atualidade devido a facilidade de informações que podem gerar. Com isso, podemos perceber o quanto o uso das TICs/ NTICs se torna relevante na disciplina de História, devido a imensidão de fontes históricas que se pode obter a partir destes recursos. A TV, o vídeo e o computador são os mais usados em sala de aula, o que não impede que outros meios possam ser utilizados caso seja viável, pois possibilitará que o aluno tenha acesso a imagens, filmes, documentários, etc. Para entendermos a prática docente relacionada ao uso do cinema em sala de aula é relevante falar de seu emprego como suporte didático, mesmo com suas limitações dentro do campo educativo. Sobre isso Duarte comenta que:

O reconhecimento da importância social do cinema ainda não se reflete, de forma significativa, nas pesquisas que desenvolvemos na área da educação. A discreta publicação de artigos sobre o tema em nossos periódicos sugere que os pesquisadores dessa área ainda dão pouca atenção aos filmes como objeto de estudo (DUARTE<sup>7</sup>, 2002, p. 97).

Acredita-se que o cinema pode facilitar o diálogo entre professor, aluno e conteúdo didático, bastando um aproveitamento e reconhecimento apropriado dessa arte como suporte educativo, pois ele além de entretenimento pode criar significado para os dilemas da vida, tendo também a capacidade de produzir valores para os indivíduos que vivem em sociedade. Sobre essa aproximação entre o cinema e a educação, e posteriormente o seu uso dentro da sala de aula na disciplina de História, nos aprofundaremos no capítulo 2.

### **1.1 TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO: As Novas Tecnologias a serviço da Educação.**

Com a crescente disseminação tecnológica a educação não poderia ter sido “poupada” desses avanços. Para isso é cabível uma adaptação com os tempos atuais, pois “A velocidade das mudanças tecnológicas é tamanha que exige que a educação mude rapidamente, para acompanhá-las. O surgimento do rádio, da televisão, de microcomputadores e dos CD-ROMS interativos passou a influenciar o modo pelo qual aprendemos e continuamos aprendendo.

---

<sup>7</sup> DUARTE, Rosália. A pedagogia da imagem fílmica: filmes como objeto de pesquisa em educação. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 103-124, 2000. \_\_\_\_\_. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Com uma fonte de energia elétrica e uma conexão telefônica, mesmo as áreas mais remotas podem ter acesso aos grandes centros de informação do mundo” (COSCARELLI<sup>8</sup>, 1998, p. 77).

É cabível ainda um aumento na qualidade no ensino aprendizagem. Entendemos que para que isso ocorra vai depender de um conjunto bem complexo de forças governamentais que fogem ao nosso alcance. Porém, isso não impede que os profissionais procurem se renovar e buscar capacitação, para que possam acompanhar as formas com que chegam as informações e a melhor maneira de absorvê-las, para assim repassá-las.

Nos tempos atuais os conteúdos informacionais chegam aos alunos por outros meios além do professor, mas por caminhos que para eles são mais interessantes que o convencional em sala de aula. Para que o docente não ser taxado de ultrapassado ou até mesmo despreparado, é essencial que o mesmo tome consciência da relevância que sua capacitação tem. Sobre essas exigências para com a qualidade e cobrança de uma melhor formação do professor, Scheibe diz:

Observa-se, hoje, grande pressão para que os professores apresentem melhor desempenho, principalmente no sentido de os estudantes obterem melhores resultados nos exames nacionais e internacionais. As críticas ressaltam, sobretudo, os professores como mal formados e pouco imbuídos de sua responsabilidade pelo desempenho dos estudantes (SCHEIBE<sup>9</sup>, 2010, p. 985).

A partir dessa fala notamos que o educador tem que estarsempre com a “cabeça aberta” para as mudanças que vêm ocorrendo dentro e fora da sala de aula, pois elas vêm acontecendo a cada instante. Com isso, a escola precisa de profissionais que possam alavancar novos paradigmas no seu processo formador. Atualmente o educador tem que vencer várias barreiras para poder ganhar atenção e respeito do aluno. Sobre isso Zenorinie diz:

São muitas as variáveis que podem interferir na motivação do estudante, o que a torna um fenômeno bastante complexo. Entre elas, destacam-se o ambiente da sala de aula, as ações do professor, os aspectos emocionais, as questões relacionadas à falta de envolvimento do aluno com situações de aprendizagem, o uso inadequado de

---

<sup>8</sup> CASCARELLI, C. V. O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem. Revista Presença Pedagógica, vol. 4, n.20, p.29-37, mar/abr. 1998.

<sup>9</sup> SCHEIBE, L. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul.-set. 2010.

estratégias de aprendizagem, entre outras (ZENORINIE<sup>10</sup>, 2011, p. 157).

Uma aula enfadonha e desinteressante não é o caminho mais plausível para que o educador consiga credibilidade e atenção por parte do aluno. É viável que ele esteja apto a usar várias artimanhas e inovações para tornar a aula chamativa. Portanto, o educador não deve ver as TICs/NTICs como um empecilho, mas como aliadas para o processo educativo, podendo contribuir com a diversificação das técnicas pedagógicas do educador, mostrando assim outros caminhos possíveis para a aprendizagem. Com isso,

O uso de toda uma gama de ferramentas dentro do contexto de sala de aula objetiva aumentar a motivação, tanto de professores quanto de alunos, já que possibilita uma interação diferenciada, mais constante, na medida em que amplia as possibilidades de contato entre educandos e educadores, não mais restrito apenas ao ambiente escolar (TEIXEIRA<sup>11</sup>, 2011, p. 161).

Com o novo olhar em relação às TICs/NTICs, não sendo vistas como barreiras, mas como um caminho a ser trilhado em prol da melhoria do ensino, pois “no ambiente escolar, os objetivos se modificam. Já não é mais suficiente “ensinar por ensinar”. Sem metas a serem atingidas a simples transmissão de informações não é válida se não agregar conhecimento. Considerando que as tecnologias são parte integrante do dia-a-dia das crianças e adolescentes, é responsabilidade dos gestores e professores acolhê-las como aliadas em seu trabalho, utilizando-a como ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem e também formando para o uso correto dessas tecnologias” (WEINERT<sup>12</sup> et al. 2011, p. 53).

O educador assume assim um papel de mediador entre os alunos e as inovações utilizadas, tendo também o objetivo de conscientizar o uso das mesmas, não deixando que os educandos se tornem indivíduos “não pensantes” por não saberem como usar e processar as informações. Diante disso, “torna-se necessário reconhecer e interpretar a experiência como elemento essencial para impulsionar o desenvolvimento humano e sua sobrevivência digna

---

<sup>10</sup> ZENORINIE et al. Motivação para aprender: relação com o desempenho de estudantes. *Paidéia*, v. 21, n. 49, p. 157-164, maio – ago. 2011.

<sup>11</sup> TEIXEIRA, A. G. D. Um levantamento de percepções de professores sobre a tecnologia na prática docente. *Linguagens e Diálogos*, v. 2, n. 1, p. 159-174, 2011.

<sup>12</sup> WEINERT et al. O uso das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar das séries iniciais: panorama inicial. *R. B. E. C. T.*, v. 4, n. 3, set. – dez. 2011.

por meio da educação e do agir, no sentido de transformar a realidade, entendida como uma rede de sistemas complexos em contínuo movimento” (ALMEIDA<sup>13</sup>, 2009, p. 76).

Portanto, o educador deve se adaptar aos tempos atuais, independente do seu tempo de formação, podendo a partir dessa perspectiva renovar seus conhecimentos e técnicas na prática do ensino pois,

O conhecimento que o profissional possuía era, por definição, o conhecimento que os leigos não possuíam e não podiam possuir. O profissional possuía não só a habilidade técnica como possuía a habilidade técnica baseada numa teoria subjacente. Esta característica de teoria subjacente significa que ninguém pode se tornar um profissional sozinho, mas que precisa ser treinado e certificado por outros profissionais. O profissionalismo, portanto, baseia-se na (1) habilidade técnica, (2) conhecimento teórico no qual se baseia a habilidade e (3) aceitação por uma comunidade de outros profissionais. (DOLL<sup>14</sup>, 1999, p.60)

Mesmo com toda a facilidade informacional disponível acreditamos que tudo isso não pode substituir o trabalho docente, pois temos que ter em mente que a maneira como as informações chegarão aos alunos é que vai definir como elas serão processadas. O educador estará lá ao lado deles para ampará-los e guiá-los, fazendo com que não se percam em meio a uma gama de conteúdos oferecidos instantaneamente. Sobre isso Papert diz que:

As tecnologias da comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informações mais relevantes. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, adapta-os à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria – o conhecimento com ética. (PAPERT<sup>15</sup>, 1988, p. 21)

Nesta fala de Papert fica claro o papel do professor em meio ao “turbilhão” de informações vindas por todos os lados. Mostra também uma maneira viável de trabalhar e se comportar com essas ferramentas, pois tendo entendimento desse processo, da capacidade das

---

<sup>13</sup> ALMEIDA et al. Os usos das tecnologias móveis na escola: uma nova forma de organização do trabalho pedagógico. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas – 2007.

<sup>14</sup> DOLL, C. Psicologia e currículo: uma aproximação pedagógica e a elaboração do currículo escolar. Barcelona: Paidós, 1992.

<sup>15</sup> PAPERT, S. Logo: computadores e educação. São Paulo: Brasiliense, 1988.

inovações e de suas limitações pode ter consciência da opção mais cabível a ser utilizada em um determinado conteúdo, contribuindo para a qualidade do ensino-aprendizagem por meio de uma melhoria na prática educacional (FRIGOTTO<sup>16</sup>, 1996).

Não é de hoje que existem utensílios para o auxílio do docente no ato pedagógico, facilitando assim o processo complexo de lecionar, onde o professor se utiliza (ou poderia utilizar) de algum tipo de meio de comunicação, complementando sua prática em seu contato com os alunos.

Portanto, entendemos que há muito tempo já existiam aparatos tecnológicos (diferentes dos de hoje) que auxiliavam o professor dentro da sala de aula. O mesmo acontece nos dias de hoje, só que os aparatos atuais fazem as informações irem e virem rapidamente e se renovarem na mesma intensidade, por isso o educador tem que ter como objetivo não se acomodar em sua prática, de modo que esteja sempre apto a desenvolver seu papel, não podendo ser substituído por nenhuma inovação tecnológica, independente de qual seja. Esta, só terá valor se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos dentro da sala de aula.

## **1.2 A HISTÓRIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS: O uso das Novas Tecnologias dentro do Ensino da disciplina de História.**

As novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) podem se tornar grandes aliadas na prática do educador. Mas isso não é uma tarefa fácil, vai depender do grau de comprometimento e preparo que o professor vai demonstrar, pois os que não estiverem aptos a usá-las certamente as rejeitarão. Isso se explica talvez como um “temor pela máquina e equipamentos eletrônicos, medo da despersonalização e de ser substituído pelo computador, ameaça ao emprego, precária formação cultural e científica ou formação que não inclui a tecnologia” (LIBÂNEO<sup>17</sup>, 1998, p.67,68).

No que diz respeito ao ensino da disciplina de História, estas inovações quando bem trabalhadas podem trazer bons resultados em relação aos temas abordados, podendo assim romper com as formas de ensino conservador e possibilitando um novo olhar para o futuro em relação a forma de ensinar.

---

<sup>16</sup> FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva: um re (exame) das relações entre educação e estrutura econômica social e capitalista. São Paulo: Cortez, 1996.

<sup>17</sup> LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortes, 1998.



Todas essas novidades tecnológicas que podem ser usadas no ensino aprendizagem tem um papel importante no desenvolvimento cognitivo do aluno, principalmente em uma aula de História, pois ao ser utilizado um computador, um slide de fotos ou um filme cinematográfico o aluno é transportado para um universo onde tudo ganha “vida e forma” onde antes ele só via nos livros, podendo assim tirar um maior proveito do assunto abordado, pois “nossa memória visual é muito mais duradoura que a memória textual” (JOHNSON<sup>18</sup>, 2001, p. 15).

O uso responsável das tecnologias no ensino da disciplina de História pode certamente quebrar com a forma tradicional de ver e ensinar a história, sendo ela ainda vista como positivista, ou seja, “história acontecimento” (BURKE<sup>19</sup>, 1997). Sobre essa forma de assimilar a história, Reis nos fala:

A história era, para os positivistas, somente o tecido de eventos sucessivos. Reis, datas e batalhas sucediam-se minuciosamente reconstituindo uma narrativa exata e precisa. O tempo histórico não era um problema de difícil solução, mas uma solução de fácil realização. (REIS<sup>20</sup>, 1994, p 32 -33).

Devido esse rompimento com o ensino da história tradicional, abrem-se possibilidades para que os alunos entrem em contato com os conteúdos históricos a partir de uma perspectiva crítico-reflexiva para que possam compreender o passado, podendo fazer um paralelo com o presente vivido. Essa nova abordagem trazida pela Escola dos Annales permite que hoje vários outros tipos de fontes possam ser utilizados para a escrita historiográfica, não se limitando somente aos documentos oficiais. Logo, vai surgir uma lista de novas fontes proporcionadas pela facilidade das TICs/NTICs.

Com uma nova concepção de análise histórica entram para o debate temas que antes eram excluídos por conta da História positivista. Com a ajuda das novas tecnologias dentro da sala de aula, facilitam o entendimento sobre estes. Sobre isso Fenelon fala que:

Não há como negar, foi a partir de suas concepções e perspectivas (da história social) que os "temas malditos", ou seja, quase todos que tratam dos

---

<sup>18</sup> JOHNSON, Steven. Cultura da Interface: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

<sup>19</sup> BURKE, Pedro. A escola dos Annales. 1929-1989. A revolução francesa da historiografia. São Paulo:UNESP, 1991.

<sup>20</sup> REIS, José Carlos. Nova História e tempo histórico. A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. Ed Ática SA, São Paulo 1994.



excluídos sociais sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulher, índios, etc. encontraram guarida na historiografia. (FENELON<sup>21</sup>,1993,p76)

Se uma das metas nos dias de hoje é superar a forma atual de ensinar História, acredita-se que as TICs/NTICs possam ter uma participação fundamental nisso, pois uma vez que tanto o professor como o ambiente escolar está amparado com esses recursos permite que o aluno “mergulhe” em um mundo inovador de sons e imagens, abrindo um leque de possibilidades de integração e envolvimento com os temas abordados, sendo útil também nas questões conceituais pois,

A presença desses recursos, como fundamento da nova educação, transforma a escola, que passa a ser um novo espaço, físico inclusive, qualitativamente diferente do que vem sendo. Sua função, nessa perspectiva, será a de construir-se num centro irradiador de conhecimento, com o professor adquirindo, também e necessariamente, uma outra função. Função de comunicador, de articulador das diversas histórias, das diversas fontes de informação. (PRETTO<sup>22</sup>, 1996, p. 115).

A partir dessa linha de raciocínio vemos o ensino de História com um novo olhar, integrado as novas tecnologias e possibilitando o desenvolvimento social. Talvez a ferramenta mais poderosa que pode ser usada a favor do educador e da educação seria a internet, pois nela pode-se encontrar uma infinidade de fontes que podem ser usadas em uma aula de História, como imagens, filmes cinematográficos, documentários, notícias, visitar museus. Ou seja, os recursos audiovisuais tem o poder de enriquecer as aulas, quebrando aquele estereótipo de que as aulas de História são chatas e que simplesmente se resumem a decorar nomes e datas. Sobre o uso do computador como uma ferramenta tecnológica, Figueiredo diz que:

A utilização de programas, onde a forma de navegação depende exclusivamente do usuário, a linearidade da informação imposta pelo livro é eliminada e o ensino, individualizado, segundo as necessidades de cada educando. (FIGUEIREDO<sup>23</sup>, 1997, p. 431)

Torna-se clara a importante potencialidade do computador na sala de aula. Corroborando com a fala de Figueiredo, Ferreira diz que:

---

<sup>21</sup> FENELON, Déa Ribeiro" Cultura e História social: Historiografia e pesquisa" In : Projeto História. Volume10. São Paulo, PUC SP, dezembro 1993. (pag. 73 - 90)

<sup>22</sup> PRETTO, Nelson de Luca. Uma escola sem/com futuro. Campinas: Papirus, 1996.

<sup>23</sup> FIGUEIREDO. Luciano R. História e informática: o uso do computador. In CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo (Org.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

Nesse sentido, a utilização do computador, aliado a metodologias de ensino nas quais o aluno passa a ter um papel distinto do tradicional “ouvinte atento”, mostra-se como um recurso didático para o fazer cotidiano da sala de aula. A participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem potencializada, eles são estimulados a desenvolver atividades de pesquisa vinculadas ao ensino de História, e o papel do professor passa a ser o de orientador/mediador do processo de ensino aprendizagem, e não mais o proprietário do conhecimento (FERREIRA<sup>24</sup>, p. 2004, p. 120).

Nesse sentido fica explícita a importante colaboração que essas NTICs podem trazer para a evolução do ensino de História dentro da sala de aula, mas isso vai depender da preparação que o educador vai ter em relação ao uso dessas ferramentas, pois não adianta o uso sem uma reflexão crítica a respeito do assunto e da nova forma de abordagem. Com isso, a aula vai deixar de ser proveitosa, tornando-se apenas um passatempo para os alunos e para o professor.

Neste caso, o uso indevido dessas ferramentas vai apenas atrapalhar o desenvolvimento cognitivo do aluno, “onde o professor tira um peso das costas” deixando o resto com os utensílios tecnológicos, se esquecendo do seu papel orientador/mediador entre o aluno e as TICs/NTICs.

Com a devida capacitação docente e também com o auxílio governamental para dar esse suporte tecnológico a escola, pode-se transformar o olhar estereotipado em relação as aulas de História, onde todos acreditam ser uma disciplina decorativa, que não fornece ao discente um olhar crítico em relação às transformações sociais ocorridas no decorrer da história da humanidade. Essa nova forma de ver o ensino da História pode dar o devido crédito à ela, como uma disciplina transformadora, crítica e com potencial revolucionário em relação aos problemas da sociedade.

---

<sup>24</sup> FERREIRA, Carlos Augusto Lima (org). Ensino de história: reflexões e novas perspectivas. Salvador: Quarteto, 2004



## CAPÍTULO 02

### CINEMA NA EDUCAÇÃO

O mundo contemporâneo com a sua constante transformação ocorrente no campo tecnológico cria expectativas para os diferentes setores sociais, esperando que eles consigam acompanhar as transformações que acontecem a todo instante. Com a educação não é diferente, pois existe uma cobrança maior vindo da sociedade, esperando que a instituição prepare os alunos não só para futuro profissional, mas para vida, tornando-os bons cidadãos que possam dar sua contribuição social no futuro. A sociedade sempre espera mais da educação. Sobre essas cobranças sociais em relação ao papel da escola Duarte fala que:

O aluno espera saber, aprender; o professor espera poder transmitir um saber; os pais esperam que a escola contribua com a formação de seus filhos; a sociedade espera que suas gerações futuras possam estar aptas para perpetuar ou melhorar as condições de vida. (DUARTE<sup>25</sup>, 2002, p. 19)

Para isso, a instituição escolar tem que estar preparada para acompanhar as mudanças tecnológicas, podendo assim usá-las para o benefício educacional. O cinema mesmo não sendo uma tecnologia tão atual, está sempre se reinventando tecnologicamente. Sua produção vista como arte pode ser de grande ajuda na ação de educar.

Sobre o uso do cinema como arte que pode ser usada pedagogicamente, dialogo com alguns autores que têm pontos de vista diferentes. Theodor Adorno<sup>26</sup> e Herbert Marcuse<sup>27</sup>. Adorno, (ADORNO, 2002) colocam que a partir do momento que a arte passa a ser comercializada, tornando-se uma mercadoria, perde totalmente seu caráter, não podendo realizar mudanças positivas na sociedade, sendo apenas mercadoria capitalista. Já Marcuse, (MARCUSE, 1990) defende que mesmo a arte sendo comercializada pode preservar seu caráter artístico e revolucionário, podendo transmitir sua mensagem e sensibilizar a sociedade.

Outro autor que compartilha do ponto de vista de Adorno é Walter Benjamin, que acredita que o cinema é apenas um propagador de ideologias específicas, sendo essa

---

<sup>25</sup> DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

<sup>26</sup> ADORNO, Theodor W. Indústria Cultural e Sociedade. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

<sup>27</sup> MARCUSE, Herbert. A Arte na Sociedade Unidimensional. In: LIMA, Luiz Costa (Org). Teoria da Cultura de Massa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pg. 245-256.

ferramenta usada a serviço do sistema econômico vigente, não podendo exercer um papel educativo. Sobre isso ele fala que:

Uma das funções sociais mais importantes do cinema é criar um equilíbrio entre o homem e o aparelho. O cinema não realiza essa tarefa apenas pelo modo com que o homem se representa diante do espelho, mas pelo modo com que ele representa o mundo, graças a esse aparelho. Através de seus grandes planos, de sua ênfase em pormenores ocultos, dos objetos que nos são familiares, e de sua investigação de ambientes mais vulgares sob a direção genial da objetiva, o cinema faz-nos vislumbrar, por um lado, os mil condicionamentos que determinam nossa existência, e por outro assegura-nos um grande e insuspeitado espaço de liberdade. (...) veio então o cinema, que faz explodir esse universo carcerário com dinamites dos seus décimos de segundo, permite-nos empreender viagens aventurosas entre ruínas arremessadas a distância. (BENJAMIN<sup>28</sup>, 1994, p. 189).

Concordando com o ponto de vista de Marcuse, temos Gerard Betton que acredita na capacidade do cinema sensibilizar seu público com suas várias facetas, conseguindo transmitir sentimento e credibilidade. Logo, não perdendo seu caráter de arte, podendo ser trabalhado como instrumento pedagógico. Betton fala que:

O cinema é, antes de mais nada, uma arte, um espetáculo artístico. É também uma linguagem estética, poética e musical \_ como uma sintaxe e um estilo; é uma escrita figurativa e ainda uma leitura, um meio de comunicar parâmetros, veicular ideias e exprimir sentimentos. Uma forma de expressão tão ampla quanto às outras linguagens (literatura, teatro, etc.) bastante elaborada e específica. (BETTON<sup>29</sup>, 1987, p. 05).

Nesta pesquisa usamos como base o ponto de vista de Betton e Marcuse por acreditamos em seus pontos de vista em relação ao valor educativos que o cinema pode ter, e também por entendermos que a visão tanto de Adorno quanto de Benjamin torna-se conservadora e limitada, pois a comercialização pode ter sua tarefa positiva (mesmo que inconsciente) nesse processo, podendo abranger um público bem maior, sendo um elo entre seu público consumidor.

A importância do cinema já era pensada desde o movimento da Escola Nova, nas primeiras décadas do século passado. Esse movimento tinha como intuito a renovação do ensino, sendo muito forte na metade do século passado e tendo como norte a visão de John

---

<sup>28</sup> BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e Técnica, arte e política. Brasiliense: São Paulo, 1994.

<sup>29</sup> BETTON, Gerard. Estética do cinema. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Dewey<sup>30</sup>. Sobre a importância cinematográfica como ferramenta educativa e as discussões ocorridas no período, Morettin fala que:

O cinema educativo, entendido como um importante auxiliar do professor no ensino e um poderoso instrumento de atuação sobre o social foi debatido e defendido por muitos pedagogos e intelectuais paulistas e cariocas nos anos 20 e 30, como Manuel Bergstmm Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Edgar Roquete Pinto e Jonathas Serrano, entre outros, que também estavam preocupados com a introdução dos princípios da chamada Escola Nova nos currículos. (MORETTIN<sup>31</sup>, 1994, p. 13).

Sendo assim, acreditamos que o cinema pode ser usado como arte dentro de sala de aula, pois permite uma maior interação entre alunos, conteúdo e professor, permitindo questionamentos críticos a respeito dos assuntos abordados e possibilitando resultados mais significativos. Nesse processo o professor deixa de ser o “centro das atenções”, se tornando um mediador entre o conteúdo abordado na mídia e os alunos, tornando o ambiente da sala de aula mais dinâmico e plausível. Duarte deixa clara a importância de se usar filmes históricos dentro da sala de aula ao discorrer que:

Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais. (DUARTE apud ARAÚJO<sup>32</sup>, 2007, p. 2).

Utilizar a mídia cinematográfica como recurso pedagógico pode trazer bons resultados, mas isso não quer dizer que seja uma tarefa fácil, pois tem que ter comprometimento por parte do docente ao planejar uma aula utilizando filmes ou documentários históricos, promovendo uma nova forma de linguagem a ser explorada, permitindo uma maior interatividade nas aulas.

Fazer uso do cinema no ensino pode proporcionar um leque de possibilidades de aprendizado dentro da sala de aula, permitindo aos alunos conhecerem a própria realidade que os rodeiam. Corroborando com esse ponto de vista, Napolitano diz que “trabalhar com o

---

<sup>30</sup> Filósofo norte-americano que influenciou educadores de várias partes do mundo. No Brasil inspirou o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira, ao colocar a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação.

<sup>31</sup> MORETTIN, Eduardo Victorio. Cinema e história: uma análise do filme “Os Bandeirantes”. 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

<sup>32</sup> ARAÚJO, Suely Amorim de. Possibilidades Pedagógicas do cinema em sala de aula.

cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada”. (Napolitano<sup>33</sup>, 2004, p.11)

O uso do cinema em sala de aula torna-se crucial nos dias atuais devido ao grande poder de alcance, seu público fiel e acima de tudo devido aos conteúdos fílmicos que podem ser usados para facilitar o entendimento do conteúdo disciplinar, pois acreditamos que este recurso pedagógico tem uma característica ímpar na medida em que se utiliza sua infinidade de imagens e sons, onde o aluno vê tudo que imaginou em relação ao conteúdo didático ganhar vida na sua frente. Sobre o cinema e seu poder sensibilizador e sua infinidade de possibilidades educativas dentro de vários setores sociais, Rodrigues fala que:

O cinema tem certa magia e, quando usado na escola, ilustra e motiva o aprendizado, podendo ser considerado uma nova linguagem. Trabalhar com o cinema em sala de aula é tornar o aluno um ser conhecedor de suas sensibilidades, valorizando a cultura popular, aglomerando a estética, o conhecimento, o divertimento, a ideologia, a política e os valores sociais numa mesma obra. Cabe sempre ao professor especificar qual é o uso cabível dos filmes dentro de sua disciplina, trazendo para dentro da escola algo fundamental, a troca do específico pela sensibilidade (RODRIGUES<sup>34</sup>, 2002, p. 132).

É necessário a existência de sensibilidade vinda do educador para que não se perca ao tentar fazer uso do cinema como mecanismo de facilitação do aprendizado, pois existirá uma extensa lista do que pode e não pode ser usado em sala de aula. Tem que ter em mente o momento certo bem como a idade dos alunos, não esquecendo também do fator psicológico, sendo este variável de aluno para aluno.

Entendemos que o cinema como tecnologia a serviço da educação torna-se um instrumento facilitador ou não do conteúdo escolar. Logo, o que vai dizer se o trabalho do cinema dentro de sala vai ser benéfico é a postura profissional, o comprometimento e planejamento do educador. Com isso vemos a importância dessa capacitação em relação ao uso dessas tecnologias audiovisuais, pois:

A televisão, o cinema e o vídeo - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de

---

<sup>33</sup> NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003. 249p.

<sup>34</sup> RODRIGUES, Chris. O cinema e a produção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 255p.

comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros. (MORAN<sup>35</sup>, 2002, p.1):

Para isso, é prudente que exista um maior cuidado ao planejar uma aula utilizando o cinema, pois será necessário que o docente saiba a importância de sua presença como facilitador no diálogo entre cinema e os alunos, não deixando que a falta de análise crítica do conteúdo assistido se torne prejudicial aos discentes. Assim, é de suma importância que o educador tenha um bom planejamento, para que não deixe de avaliar além do filme, alguns pontos que vão lhe mostrar se é viável ou não o uso de tal filme ou documentário. Questões como a idade dos alunos e a faixa etária de aceitação do filme, observar também se o filme ou documentário tem cenas suficiente para se trabalhar o conteúdo programado, entre outras coisas.

Portanto, entendemos a seriedade de se trabalhar mídias audiovisuais em sala de aula, seja cinema, vídeo, televisão. Esses aparelhos tecnológicos tem um poder muito grande de diálogo, principalmente entre as crianças e jovens, tendo sua parcela de participação na educação, seja de forma direta ou indireta. Sobre isso Moran fala que:

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprendem a informar-se, a conhecer - os outros, o mundo, a si mesmo - a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, 'tocando' as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa - ninguém obriga - é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma - mais fácil, agradável, compacta - sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos. (MORAN<sup>36</sup>, 2008, p. 05).

A relevância do cinema em sala de aula é inquestionável, pois concordando com que os autores falaram acima temos consciência do papel transformador do cinema como ferramenta educativa, não sendo apenas um entretenimento. Nas mãos de educadores comprometidos os filmes ou documentários se transformam em grande máquina facilitadora de conhecimento crítico, operando como uma rede de saberes sociais, tornando a sala de aula um ambiente mais agradável.

---

<sup>35</sup> MORAN, José Manuel. Desafios da televisão e do vídeo à escola. Campinas: Papirus, 2002.

<sup>36</sup> MORAN, José Manuel. As mídias na educação. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/mídias\\_educ.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/mídias_educ.htm)>, data: 22/08/2008. Último acesso em: 03/04/2016.



## **2.1 CINEMA E HISTÓRIA: o cinema como ferramenta tecnológica facilitadora do ensino-aprendizagem da disciplina de História.**

O cinema foi se popularizando cada vez mais e se tornando um grande objeto de comunicação e entretenimento da sociedade. Isso ocorreu nas décadas do século XX. No entanto, não foi um espanto perceber o quão grande era o seu alcance ideológico. Mesmo diante de fatos que mostravam tamanha evolução e popularização do cinema, só houve realmente uma aproximação com a historiografia a partir da década de 1960, onde serão abertas novas abordagens de pesquisa, novas fontes (TONETTO<sup>37</sup>, 2006).

Com novas fontes para se trabalhar a historiografia, novos modos de pesquisa, novas reflexões, abre-se espaço para o surgimento de novas correntes historiográficas como a História Cultural<sup>38</sup>, que vai lançar novas possibilidades de pesquisa, dividindo espaço com o econômico e político que antes era a zona de conforto da História. Com isso a História Cultural “possibilita o estudo da cultura para explicar o mundo, o que até aquele momento era marginal, pois os procedimentos de pesquisa estavam voltados basicamente para o econômico e o político, com a cultura relegada a um terceiro plano” (TONETTO<sup>39</sup>, 2006, p.22).

Mas essa aproximação só foi possível graças ao interesse de historiadores como Marc Ferro<sup>40</sup> e suas obras, que foram de fundamental importância na incorporação do cinema como um fazer histórico e levado ao patamar de “novo objeto”, a partir da década de 1970 pela então nova História.

Com o uso dos meios de comunicação como novas fontes para o historiador trabalhar a História Cultural, a historiografia possibilita o uso do cinema entre várias outras artes como fonte histórica. Sobre o uso do cinema e seu conteúdo Napolitano nos fala:

Independentemente do grau de fidelidade aos eventos passados, o filme histórico é sempre representação, carregada não apenas das motivações ideológicas dos seus realizadores, mas também de outras representações e imaginários que vão além das intenções de autoria, traduzindo valores e problemas coetâneos à sua produção. Como parte das estratégias de

---

<sup>37</sup> TONETTO, Maria Cristina. Cultura e imagem: o cinema neo-realista no Mercosul – 1955 a 1962. Dissertação. Mestrado em Integração Latino-americana. Universidade Federal de Santa Maria. 2006.

<sup>38</sup> Sobre história cultural ver: BURKE, Peter. O que é história cultural. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Para conhecer um pouco melhor sobre o trabalho de Marc Ferro, ler: FERRO, Marc. Cinema e História. São Paulo: Paz e Terra, 2010. FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

representação que dão sentido político aos filmes históricos, a questão da monumentalização de eventos e personagens (ou da sua desconstrução enquanto ‘monumentos’) tem papel central na escrita fílmica da história. (NAPOLITANO<sup>41</sup>, 2007, p.67)

Com a fala de Napolitano percebemos que com a utilização de filmes históricos, documentários e demais materiais vindos de recursos áudio visuais, tem que ter sempre o cuidado com o conteúdo ao ser trabalhado, pois nele existe uma vontade própria de dar ênfase em determinados fatos e descartar outros, induzindo assim quem assiste a linha de pensamento dos produtores do filme. Sobre o conteúdo do cinema Capellato diz:

Depois de mais de cem anos de história do cinema, não há, praticamente, época, civilização, tema histórico, herói antigo ou moderno que não tenham sido encenados nas telas. Muitas vezes com um grau de realismo high-tech que propicia ao espectador uma experiência assombrosa e fascinante do passado. Além disso, mesmo quando não encena o passado, o produto audiovisual de cinema ou de televisão sempre é um documento, veiculando valores, projetos, ideologias. (CAPELLATO<sup>42</sup>, 2007, p.9):

Essa aproximação do cinema com a historiografia deu ao historiador novas formas e novas fontes para produção historiográfica, possibilitando uma análise dos conteúdos produzidos pelo cinema. Essa análise tem que ser criteriosa, pois não se deve esquecer que as fontes carregam sempre a intencionalidade de quem as produz. Mas essa intencionalidade não vai ocorrer somente nos conteúdos áudio visuais do cinema, ocorre também nos próprios livros publicados, em jornais e revistas. A verdade é que sempre vai existir uma ideologia por trás da fonte analisada. Cabe ao historiador não se prender somente ao que está visível para o público, se atendo a entrelinhas. Complementando Capellato, Morenttin diz que:

A crítica analítica de uma obra cinematográfica de ficção deve se ater: à sociedade que a produz; à própria obra; à relação entre autor, filme e sociedade; à sua história (as várias versões que teve as suas recepções por parte da crítica, do público, etc). (MORETTIN<sup>43</sup>, 2007, p. 53).

---

<sup>41</sup> NAPOLITANO, Marcos. A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado. In: CAPELLATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. História e Cinema. Dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2007.

<sup>42</sup> CAPELLATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. História e Cinema. Dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2007.

<sup>43</sup> MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELLATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. História e Cinema. Dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2007.

O uso do cinema como uma fonte a ser analisada criticamente pode ser feito tanto por historiadores em suas produções historiográficas, como por alunos em uma simples aula de História. Entretanto, seja por alunos ou por historiadores a análise tem que ser feita criticamente, entendendo que “Os filmes não são, portanto, uma reprodução do real, datada, situada espacial e temporal e culturalmente... É preciso ter cuidado com o fato de que por trás de um filme, inclusive de documentários, há sempre um diretor e um roteirista, que podem usar de sua imaginação para a criação de uma estética inovadora, porém não necessariamente articulada com o real”(BERUTTI E MARQUES<sup>44</sup>, 2009, p. 131).

Para essa análise ser realmente válida e profunda é preciso se ater a detalhes mais profundos, não se deixando levar somente pelo que os olhos podem ver no momento de exibição, pois “é importante, portanto, para que possamos aprender o sentido produzido pela obra, refazer o caminho trilhado pela narrativa e reconhecer a área a ser percorrida a fim de compreender as opções que foram feitas e as que foram deixadas de lado no decorrer do trajeto” (MORENTTIN<sup>45</sup>, 2007, p.62).

O cinema com seu áudio, som e imagem pode criar uma relação bem mais profunda com a historiografia, pois nele podemos trabalhar tudo, desde o momento de produção, as ideias por trás da produção e o público alvo, sem contar o próprio material produzido. O cinema é expressão cultural e apresenta na tela o momento social, cultural, político, os anseios dos cidadãos, as denúncias e críticas. O diretor é o fio condutor destes elementos para o cinema. Através da seleção de imagens, dos enquadramentos, da narrativa – de seu olhar, em suma - ele franqueia a outras nações um aspecto parcial de seu País. O filme é um recorte da cultura e da história de um povo. As produções audiovisuais mostram os recortes culturais e territoriais que diferenciam os povos. Por meio dos filmes, pode-se perceber o imaginário de uma sociedade, de uma época, de uma concepção ou olhar (TONETTO<sup>46</sup>, 2006, p.33).

Com tantas formas e conteúdos para se analisar o cinema se tornou uma fonte indispensável para a compreensão de variados assuntos. Porém, o professor em uma aula ao se utilizar de um filme para análise não pode deixar que o mesmo se torne uma “verdade absoluta” para quem assiste, podendo assim reforçar uma ideia positivista que é

Uma concepção histórica fundamentada na ação dos “grandes líderes”, os “filmes históricos”, se não forem objeto de uma crítica contundente por parte do professor, acabam se tornando uma “aula de história” de características

---

<sup>44</sup> Beruti, Flávio. Marques, Ademar. Ensinar e aprender História. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Idem.

conservadoras. Seus conteúdos contribuem para consolidação de uma história acrílica, ao impor uma leitura na qual estão ausentes os conflitos, as contradições, os “vencidos”, os esquecidos e as lutas políticas. (BERUTTI E MARQUES<sup>47</sup>, 2009, p. 133).

Como podemos perceber o uso do cinema como fonte histórica ou como recurso didático, mesmo sendo rico em vários fatores de análise, usá-lo para trabalhar ainda assusta o professor/historiador na inserção do seu trabalho diário pois, “Um filme é o resultado da combinação de vários elementos técnicos e artísticos. Daí, como analisar algo cujo significado é composto pelo entrecruzamento de imagem, movimento, angulação de câmera, cor, luz, som, música, palavra, indumentárias...? É impossível analisar, por exemplo, apenas o aspecto verbal do cinema — o texto, as falas dos personagens — e não ver sua inserção na cena, o modo como é dito, as relações e as interações com os outros elementos cênicos e dramáticos, pois isso significa analisar o filme pela metade, seccionar seu significado e assim não apreendê-lo na sua totalidade”. (ROSSINI<sup>48</sup>, 1999, p.48)

Rossini fala que trabalhar com cinema é muito complicado pois muitas vezes quem analisa o filme se torna uma pessoa envolvida emocionalmente com o conteúdo, esse envolvimento,

Dificulta o distanciamento necessário para que se produza um conhecimento de fundo científico, racional. Afinal, como se manter analiticamente distante de algo que foi produzido para envolver emocionalmente o espectador? (ROSSINI<sup>49</sup>, 1999, p.48).

Assim, o filme aparece muitas vezes para quem está envolvido com o conteúdo, ora como manipulador dos fatos, ora como manipulador dos sentimentos. Se não existir o devido cuidado pode-se cair em erros simples de compreensão, se tornando uma história de uma única verdade e assim retroceder no desenvolvimento da análise e do aprendizado crítico. A verdade é que muitas vezes é isso que ocorre no fim das contas. Sobre isso Berutti e Marques discorrem:

E o mais grave, muitas vezes, é que os estudantes são preparados para “aceitar” a visão histórica presente nos filmes naturalistas, que têm, entre suas características, a linearidade, ilusão de que a pessoa está diante do fato (a câmera se comporta como o “olho” do espectador) e uma interpretação

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real. 1999. Tese (Doutorado em História), 1999. 416f. Programa de Pós-graduação em História da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

<sup>49</sup> Idem.

fiel dos atores na qual a realidade e buscada através dos gestos e das falas. (BERUTTI E MARQUES<sup>50</sup>, 2009, p. 133).

Portanto, ao utilizar o cinema como suporte o profissional deve ter em mente como vai trabalhar aquele material, pois se o intuito for apenas a descontração para ajudar a passar o tempo tem que ter cuidado ao escolher o material áudio visual, pois por mais que a intenção seja das melhores possíveis se não houver uma preparação e vontade de realizar algo inovador, e ao mesmo tempo dinâmico, o aluno pode se perder no que era para ter realmente absorvido da mídia utilizada. Por fim, entendemos que a aglutinação do cinema pela educação é possível, real e necessária, mas também é necessário qualificação docente frente essa gama de tecnologia que se mostra surpreendente a cada dia, para poder utilizá-las em benefício da educação.

---

<sup>50</sup> Idem.

## CAPÍTULO 03

### **PROJETO CINEMA E HISTÓRIA: O cinema na escola agora é lei.**

Como foi relatada nos capítulos anteriores, a utilização do cinema como ferramenta pedagógica é possível e de extrema relevância para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, seja utilizado em sala de aula através de documentários e filmes históricos ou em projetos escolares que façam uso da arte cinematográfica como contribuinte e facilitadora do ensino-aprendizagem, cultivando a perspectiva de cinema e educação caminhando juntos.

Para que essa ideia fosse levada adiante foi criada a lei 13.006, de 26 de junho de 2014, sendo resultado do Projeto de Lei (PL 185/08), pensada pelo senador Cristovam Buarque, na qual se estabeleceu obrigatoriamente que deveria reservar pelo menos duas horas mensais para se exibir filmes do cinema brasileiro em todas as escolas de educação básica, na qual a:

Exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais (AZEVEDO; GRAMMONT; TEIXEIRA<sup>51</sup>, 2015, p. 57).

Entendemos que esta lei por si só não vai resolver todos os problemas da educação, e que também esta lei não é perfeita. O que se pode absorver disso é que estão sendo dados passos para a transformação da educação através de novas ferramentas tecnológicas em prol de sua melhoria, e que assim como essa lei afirma ao colocar obrigatória duas horas mensais de exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica, isto poderá um dia ser realmente concreto e que alcance efetivamente todas as escolas do país.

Para que essas tão desejadas transformações educacionais ocorram é necessário bom senso e força de vontade, partindo de cada um de nós com ideias e iniciativas individuais ou coletivas. Foi o que aconteceu na escola Candido oliveira, situada em Parnaíba-PI, onde nasceu o projeto chamado Cinema e História, idealizado pelo professor de História da escola e por seus muitos alunos. No auge, o projeto toma grandes proporções, mobilizando assim quase toda a escola e turmas dos três turnos. Essa mobilização gigantesca envolvendo toda comunidade escolar fica clara no decorrer do capítulo.

---

<sup>51</sup> AZEVEDO, Ana Lúcia F.; GRAMMONT, M. Jaqueline; TEIXEIRA, Inês Assunção de C. O cinema brasileiro chega à sala de aula. Presença pedagógica, Belo Horizonte: Dimensão, vol. 21, nº 122, mar.-abr. 2015.

### 3.1 VAMOS FAZER UM FILME: Nasce o projeto *Cinema e História* na escola Cândido Oliveira, Parnaíba-PI.

Em uma escola como tantas outras de ensino público, com dificuldades e limitações, surge um projeto chamado Cinema e História, que vai levar o mundo cinematográfico para o ambiente escolar. Esta instituição de ensino, conhecida como Cândido Oliveira, está situada na Avenida Chagas Rodrigues, Bairro Centro, na cidade de Parnaíba-PI. Atualmente tem aproximadamente 700 alunos, funcionando nos três turnos, com Ensino Fundamental e Médio. Ao redor da escola se encontram bairros como, Coroa, Cantagalo, entre outros, a população habitante nesta região é considerada de baixa renda, sendo este o perfil do lugar onde o projeto nasceu e se firmo.

A iniciativa do projeto surgiu de uma ideia proposta pelo professor da disciplina de História, pois os alunos tinham que participar de uma iniciativa de conscientização do perigo da dengue, encabeçada pelos alunos de biologia da Universidade Estadual do Piauí, devido ao PIBID que estava acontecendo na escola na época. Assim, os alunos do 3º ano aceitaram fazer um filme curta-metragem, dando assim a contribuição deles para a campanha. Cláudio Ciarlini Neto<sup>52</sup>, professor de História que leciona na instituição em questão, nos relata como foi esse primeiro momento com os discentes:

O projeto cinema e historia, ele nasceu, foi bem interessante por que foi de um projeto que puxou outro, uma iniciativa puxou a outra, por que no colégio na época em 2011 estava acontecendo o PIBID de Biologia, no caso os meninos de Biologia estavam com o PIBID lá e eles fizeram um seminário que o enfoque principal era questão da dengue, na época em 2011, Parnaíba como Piauí, outros estados, estavam sofrendo com a dengue e os meninos da escola tinham assim que reciclar e tal e eu joguei a ideia pro terceiro ano que era uma turma maluca, tanto que alguns professores não conseguiam da aula lá, comigo graças a deus sempre deu certo, a gente foi na loucura e tal foi dando, daí eu joguei a ideia de por que não fazer um curta-metragem improvisado mesmo? Eu não lembro parece que no outro dia já tinha de entregar né, foi assim loucura, aí a gente pensou: vamo fazer então. (Cláudio Ciarlini Neto<sup>53</sup>)

A experiência de gravar um pequeno filme de curto tempo mostrou para as pessoas em geral envolvidas o quanto é trabalhoso, mas também gratificante e prazeroso, transformando o

---

<sup>52</sup> NETO, Cláudio Ciarlini. Licenciatura Plena em História - UVA – 2004. Especialização em História do Brasil – FAP (Atual Maurício de Nassau) – 2009. Professor de História da Escola Cândido Oliveira e um dos idealizadores do projeto Cinema e História.

<sup>53</sup> NETO, Cláudio Ciarlini. Entrevistado por Paulo Ricardo de Carvalho. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2016.

ambiente escolar naquele momento em um local de lazer, onde se torna divertido aprender. Este novo ambiente de aprendizado é o que foi imaginado por Cristovam Buarque ao propor a lei 13.006 de 26 de 2014, pois em uma entrevista que foi apresentada no IV Fórum da Rede Kino: Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual, ocorrido na 7ª Mostra de Cinema de Ouro Preto –Cine OP, ele discorre sobre suas motivações para a realização do projeto de lei, onde ele fala entre outras coisas que:

A escola é uma coisa hoje muito chata. Nós temos que levar alegria, diversão e isso é a cultura que leva. Cultura é simples. Ensino à maneira tradicional, sem cultura, fica chato e as crianças não aguentam mais. A criança de hoje está muito mais para o audiovisual do que para ao vivo. Ela gosta da tela. Ela cresceu, nasceu vendo as coisas na tela. Então, a tela é atraente. Então vamos colocar cinema. Essa é a primeira coisa, trazer um pouco mais de alegria, de sintonia da escola com as crianças. (FRESQUET<sup>54</sup>, 2014, p. 6)

Essa alegria e sintonia na qual está expressa na fala do proponente da lei é encontrada na realização das gravações do curta-metragem que os alunos e o seu professor se voluntariaram a fazer. O pouco tempo para apresentar o material pronto para exibição não foi motivo para desanimar os participantes, muito pelo contrario, serviu de motivação para todos. Imaginamos o quanto foi empolgante e trabalhoso a realização deste curta quando observamos a fala do professor e colaborador do projeto, na qual ele relata que:

Gravamos as cenas todas e tal e eu já fui levando as imagens e vídeos e tal e já fui montando logo à noite, fiquei ate tarde editando, terminei e no outro dia já tinha que levar, mostrei pra eles antes, tinha ate uns extras e tal, eles se animaram (...) eles ficaram tão empolgados que eles disseram assim *“professor vamos fazer um filme, agora com mais tempo”* ai fizemos o filme, daí começou com turma em 2011, uma turma só, uma turma *“doida selvagem”* que alguns professores não conseguiam dá aula, eles acabaram se mostrando produtivos, não só na frente das câmeras, também ajudando na produção dos filmes, empolgados mesmo, ninguém faltava quando era marcado as filmagens, até dia de sábado de manhazinha. (Claucio Ciarlini neto<sup>55</sup>).

Como percebemos, a partir desse curta-metragem nasce e se firma o projeto que ficou conhecido como *“História e Cinema”*. Em seu primeiro ano de trabalho participaram os alunos do terceiro ano, o professor Cláucio Ciarlli, outras pessoas que também tiveram suas cotas de contribuição para a realização das filmagens e, posteriormente, a exibição do filme

---

<sup>54</sup> FRESQUET, Adriana. Cinema e Educação: A lei 13.006/ Reflexões, perspectivas e propostas. Colaboração, edição e distribuição: Universo Produção, 2014.

<sup>55</sup> Idem



concluído. Este projeto que utilizou o cinema para entreter e ao mesmo tempo ensinar, mostrando fatores sociais e quebrando com formas pedagógicas tradicionais, pode ser comparado e entendido como uma meta alcançada, onde vários pedagogos e intelectuais paulistas e cariocas nos anos 20 e 30 já defendiam o uso dessa tecnologia dentro da educação. Estes intelectuais já se preocupavam com a introdução dos princípios da chamada Escola Nova nos currículos, MORETTIN (1994).

Mesmo com tantas dificuldades esta iniciativa conseguiu se manter de pé, pois o que fazia o *Cinema e História* acontecer era a boa vontade dos participantes, pois eles desenvolveram um amor muito grande pelo projeto. Os desafios vinham de todas as formas devido a falta de incentivo financeiro, pois o Estado não oferecia nenhum suporte para a realização do mesmo. Podemos constatar isso na fala de Cláudio que diz:

O incentivo financeiro era zero, tanto de fora como por parte da escola, a gente não tinha incentivo financeiro, tínhamos assim, do cinema, a gente passava o ano gravando e no fim do ano a gente ia assistir o filme no cinema ali da praça da graça e que era uma experiência muito massa pra eles, alguns nunca nem tinham ido no cinema, muitos nunca nem tinham ido no cinema. (Cláudio Ciarlini Neto<sup>56</sup>).

Nesta fala fica nítido que o projeto conseguiu ganhar alguns simpatizantes, e com a ajuda de amigos que acreditavam no ideal do projeto conseguiram driblar as dificuldades encontradas pelo caminho. Algumas deficiências eram compensadas pela ajuda de colaboradores, que mesmo não estando diretamente ligados ao Cinema e História não deixaram de ser importantes para a sua realização. A escola não tinha recursos suficientes que vinham do estado, mas os integrantes da direção ajudavam como podiam para levar adiante a ideia do Cinema e História.

A direção embora não tivesse recurso pra ajudar financeiramente por que tinha mau dinheiro pra merenda, a grande ajuda, o grande incentivo que o diretor deu pro projeto além, da questão de quando a gente ia pro cinema, a direção comprava os refrigerantes e os meninos pagavam sua entrada e assim, só no fato de a direção permitisse que o projeto acontecesse, da a liberdade é ate melhor que a ajuda financeira, financeira a gente ia atrás. (Cláudio Ciarlini Neto<sup>57</sup>).

---

<sup>56</sup> Idem

<sup>57</sup> Idem

Vemos também o quão gratificante foi o projeto para os que participaram, pois observamos que alguns alunos nunca tinham ido ao cinema. Com isso, podemos ver que um dos maiores retornos que o projeto poderia trazer seria essa satisfação, uma sensação de dever cumprido, o sentimento de ter sido importante em uma fase da vida dos discentes. Adiante temos talvez a lembrança mais emocionante dos tempos de projeto, maior pagamento que um professor pode ter que é o reconhecimento por parte de seus alunos. Isso fica mais claro nesta fala:

Eu me recordo, eu num sei se foi em 2013 ou 2014, teve um ano que tinha um cara da noite bem mais velho, ele tinha seus quarenta e poucos anos né, ele trabalhava de moto táxi e estudava a noite, e ele levou a namorada dele pra assistir o filme e no final ele estava emocionado, por que ele disse que nunca tinha entrado no cinema e de repente ele entrou no cinema pra ver o filme que ele mesmo tinha participado, então assim isso ai é uma recompensa grande né. (Cláudio Ciarlini Neto<sup>58</sup>).

Com tudo isso, a euforia das gravações não agradou a todos. As críticas ao projeto começaram a surgir, alegavam que era mais um tipo de brincadeira e que os alunos só participavam para ganharem pontos, sendo quase uma obrigação. Logo se notou que a realização desse projeto estava incomodando muita gente, talvez por medo do “novo”, pois já estavam tão acostumados com seus métodos que estranharam a nova forma de aprender enquanto se divertiam, ou por terem o grande desprazer de ver algo que não nasceu a partir deles e que não precisou dos mesmos para se manter. Notamos que:

Alguns professores apoiavam, até participavam, mas alguns fizeram críticas pesadas desde o início, críticas ferrenhas, assim, no princípio eles criticavam de tudo né, até de um barulho feito, porque de repente eles não estavam acostumados com a empolgação e eles implicavam dizendo que os alunos só participavam pra ganhar ponto né, coisa que com o tempo a gente viu que não era, que alunos que estavam no terceiro ano e ganharam pontos foram no ano seguinte, até hoje perguntam e eles não ganham mais nada com isso, uns que tão já na universidade ne, alguns até fazendo história e eles não ganham mais ponto nenhum, mas iam lá gravar só pelo prazer, pelo que significou pra eles, e que foi uma crítica que eu recebi no começo e que logo foi derrubada. (Cláudio Ciarlini Neto<sup>59</sup>).

Todos os acontecimentos que ocorreram nossos anos de 2011 a 2014 se tornaram mais do que simples brincadeiras, se eternizaram na memória de todos que participaram, se

---

<sup>58</sup> Idem

<sup>59</sup> Idem

tornando mais valiosas do uma “simples” aula metódica dentro de uma sala. As lembranças que permanecem vivas dentro de cada um nos mostra o quanto o projeto foi relevante para suas vidas, pois muitos passavam por alguma fase desagradável ou mesmo tinham algum problema, e após a entrada no Cinema e História acabou ou pelo menos amenizou. Joyce Ribeiro<sup>60</sup> nos fala sobre a experiência de ter participado do projeto e os seus benefícios:

Pra mim foi ótimo, pois eu comecei a ver as pessoas por uma perspectiva diferente sabe!? Além de me ajudar a me socializar com os colegas que nunca tinha trocado uma palavra. Aprendi a me soltar mais com relação à timidez. Significou muitas coisas pra mim, pois o filme vai ficar na minha memória pra sempre, por ter acontecido em uma época onde eu estava começando a descobrir coisas, significou também a união da minha turma, mesmo que passageira. Eu descobri pessoas maravilhosas na qual viraram minhas amigas até hoje. (Joyce Ribeiro<sup>61</sup>)

Muitas vezes o adolescente está passando por coisas que ele mesmo não entende, são novas descobertas a cada instante. Se não houver atenção com o que se passa na cabeça dele, isso pode gerar um problema maior. Projetos como este são cruciais para esses adolescente, uma vez que vão interagir de forma mais intensa com pessoas da sua idade, que podem estar passando pelas mesmas problemáticas. O jovem vai ter com o que se ocupar, se distrair e descarregar suas energias, deixando de ver a escola como algo monótono. Abaixo Liana Paz<sup>62</sup> fala sobre sua participação no projeto:

Foi muito bom e interessante, pois me uniu mais com o professor. Antes, nunca me apegava e nem achava meus professores legais, mas isso mudou a partir do professor Claucio... O projeto foi bom também porque pude expor minha criatividade e meus textos. Amo escrever e ali foi um dos melhores projetos que já participei. (Liana Paz<sup>63</sup>).

Projetos como este não só ajudam os discentes a verem o ambiente escolar de uma maneira menos formal como também ocupam o tempo deles com atividades criativas e produtivas. A partir do comportamento dentro dos projetos escolares podemos descobrir ou

---

<sup>60</sup> RIBEIRO, Joyce. Na época era aluna do 3º ano do ensino médio, tarde e protagonista do filme: Sobre teus olhos. 2014.

<sup>61</sup> RIBEIRO, Joyce. Entrevista por Paulo Ricardo de Carvalho. Parnaíba-PI. Brasil. 24/04/2016.

<sup>62</sup> PAZ, Liana. Na época era aluna do 3º ano do ensino médio noite, era a responsável pelo roteiro e direção do filme: Emanuel. 2014.

<sup>63</sup> PAZ, Liana. Entrevistada por Paulo Ricardo de Carvalho. Parnaíba-PI. Brasil. 24/04/2016.

perceber talentos que as vezes não eram notados dentro de uma sala, talentos que podem até direcionar o futuro do aluno, dependendo de como for trabalhado.

Outro ponto positivo que podemos mostrar é a transformação no modo de se comportar do participante, mostrando uma maior centralidade nas aulas e melhor interação com o seu professor, pois na medida em que eles se tornam próximos nasce um vínculo de amizade. Com isso, o aluno vai ter um respeito espontâneo pelo docente. Sobre essa melhora comportamental Cláudio comenta que:

Não que ele se torne um “CDF”, um menino estudioso, que senta na frente, não, não é isso, mas ele fica mais calmo, ele acaba melhorando, pouco ou muito ele melhora, por que ele já descarregou aquilo ali no próprio projeto né, ele já está se sentindo melhor, e muitas vezes acontece isso pelo aluno as vezes está se sentindo um nada, pertencente a lugar nenhum, se sentindo desmotivado e isso faz uma resposta negativa dele tratando mal os colegas e professor, e tendo esses projetos ele se sente melhor se sente pertencente a alguma coisa (...) quando eu estava dando aula eu fala “vamos lá, oh agora é hora de falar serio ne, pra gente poder continuar a participar do projeto” as vezes eu usava isso né “rapaz tu num quer não participar do filme desse ano não, tu está bagunçando demais”.(Cláudio Ciarlini Neto<sup>64</sup>).

Cláudio enquanto docente procura entender como funciona a mente de um adolescente. Nesse instante ele se coloca no lugar do aluno e ali percebe o quão bom são os projetos educacionais, podendo suprir algumas necessidades dos participantes que antes não eram notadas nem pela própria família, trazendo um crescimento positivo para os mesmos. Ainda sobre o papel desses projetos educacionais, Cláudio diz que:

Um projeto como esse, não só esse, um projeto que envolva dança, que envolva outras artes né e tal, faz com que aquela energia que o adolescente tem e que as vezes vivem com problemas, as vezes ele tem angustia quando ele participa de um projeto desse, é uma válvula de escape pra ele, é uma forma de liberar aquilo ali, aquela angustia, aquela raiva que ele está, então ele libera aquilo ali ao invés de está descontando as vezes no professor né, na aula, então melhora. (Cláudio Ciarlini Neto<sup>65</sup>)

O projeto Cinema e História trouxe entre outros benefícios para os integrantes um laço bem mais resistente, pois os alunos até os dias atuais mantém contato entre si e com o professor da disciplina, um vínculo de amizade e respeito construído a partir de um trabalho feito com dedicação. Cláudio mostra que a barreira entre aluno e professor não precisa existir

---

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> Idem.

para que aconteça o respeito recíproco, que isso pode vir através da admiração vinda por parte dos discentes, e que quando se elimina o muro divisor pode-se ganhar muito mais do que simplesmente ficar na defensiva, intransponível. Uma das alegrias que Ciarlini leva consigo é o reconhecimento do seu trabalho e as amizades que ficaram. Com isso ele fala que:

Por rede virtual de vez em quando eles mandam mensagem pra mim, quando nos esbarramos mesmo na rua, e principalmente alguns que foram pra lá estagiar, escolheram o Cândido Oliveira pra estagiar, não só alunos de História, mas de repente foi uma aluna de Pedagogia, foi uma de Inglês, pra estagiar lá pra poder rever o colégio, saíram do colégio com uma lembrança boa, aí foram rever, alguns fizeram questão de estagiar comigo, tive esse prazer de ser professor deles e de repente estagiarem comigo, estarem fazendo uma faculdade, isso é muito bom, fora os que voltam para participar quando tem filme, eles voltam pra participar sem ganhar nenhum ponto, como já te falei e tal. (Claucio Ciarlini Neto<sup>66</sup>)

Notamos que o trabalho realizado na escola Cândido Oliveira foi essencial para a formação pessoal de muitos participantes. Assim, puderam viver os anos de colegial de uma maneira mais divertida, onde sentiam prazer em ir para a escola. Isso, sem contar os benefícios trazidos pelo *História e Cinema*, como socialização constante, o companheirismo vivido, dificuldades bem como os problemas (muitas vezes pessoais) que foram superados ou deixados de lado durante a execução do projeto.

Figura 1: Foto dos bastidores do filme Emanuel produzido em 2014. A direita da foto, Claucio Ciarlini, professor de História da escola Cândido Oliveira e um dos idealizadores do projeto Cinema e História. Fonte: Imagem disponibilizada por Claucio Ciarlini para fins desta pesquisa.

---

<sup>66</sup> Idem.



Nesse contexto, compreendemos que a forma como se trabalha educação vai refletir diretamente nos resultados, sendo eles positivos ou não. E de acordo com o que foi apresentado percebemos um caminho viável para se educar, sem que seja necessário fronteiras que mantenham a distância entre o professor e seus alunos, e que projetos como este podem trazer resultados favoráveis, deixando o ambiente escolar mais dinâmico e descontraído, onde os alunos aprendem enquanto se divertem.

### **3.2 O CINEMA E HISTÓRIA ACONTECEU: O funcionamento do projeto nos anos de 2011 a 2014.**

O Projeto *Cinema e História* funcionou normalmente durante os anos de 2011 a 2014. No último ano ocorreu uma troca de diretores, o que afetou diretamente o andamento do projeto, pois a nova direção vetou as gravações dos filmes dentro do ambiente escolar, só liberava um pequeno espaço de tempo para isso. Assim, se tornou inviável levar a frente o projeto.

Em cada ano de existência do projeto foi gravado e exibido um filme, mas no ano de 2014 conseguiram extrapolar esse limite, cada turno se responsabilizou por produzir o seu próprio filme. Nesse momento foi perceptível a mobilização de quase toda a escola. Os integrantes passavam o ano letivo produzindo e ao final do segundo semestre iam assistir o próprio trabalho concluído exibido no cinema da cidade, na época localizado em frente a

Praça da Graça. Assim funcionou desde o início. Ciarlini conhecia o dono do cinema (Cine Delta) que ajudou concedendo o espaço.

O acordo era o seguinte, o colégio ajudava na questão da pipoca, do refri eu também ajudava, em alguns momentos um ou outro professor também ajudou com o refrigerante, a única coisa que eles gastavam era com a entrada, durante os anos que teve foi cinco reais, não mudou. (Claucio Ciarlini Neto<sup>67</sup>)

A participação dos alunos não era só na frente das câmeras, eles ajudavam em tudo que fosse possível, desde a escrita do próprio roteiro até a criação da maquiagem, pois o Cinema e História era deles. Havia alguém tomando a frente para evitar a desordem, mas todos reconheciam o trabalho realizado em equipe, onde cada um era essencial.

A sequência cinematográfica das produções foi a seguinte: em 2011 teve um curta-metragem sobre a dengue chamado de “O monstro da dengue”, daí surgiu a ideia de construção do projeto Cinema e História. No mesmo ano foi feito um filme mais estruturado que foi nomeado de “O amor e o poder”. Em 2012 decidiram fazer a continuação, lançaram “O amor e o poder 2”. Orgulhosos com a produção e a aceitação dos telespectadores resolveram lançar em 2013 “O amor e o poder 3”. A sequência destes três filmes fala do período da ditadura militar, onde a preocupação com a opinião do público levou eles a adotarem um novo olhar sobre este período, dando a produção uma dose de comédia. Percebemos isso com mais clareza na fala abaixo

Inicialmente ia ser um filme sério, assim como todo aquele contexto da ditadura, música da ditadura, com censura, tortura, aquela coisa e tal, mas quando a gente marcou pra gravar a tortura, agente pensou assim: só a gente que vai assistir? A gente vai gravar um filme só pra gente porque se a gente fizer uma tortura de verdade né, parecida com a realidade e um filme muito serio só vai servir pro terceiro ano então o que a gente faz pra atingir as outras turmas, mais novos, o pessoal mais novos ate para o fundamental, vamos fazer comedia, ne! ai o filme que inicialmente era sobre a ditadura, desembocou numa comedia e que foi ate melhor porque fez com que os outros alunos pudessem assistir, e que gostaram tanto que a gente se sentiu a vontade para fazer a continuação, o dois e o três ne, em 2011,2012, 2013. (Claucio Ciarlini Neto<sup>68</sup>).

Figura 2: Bastidores do filme Emanuel, turma da noite, responsável pela realização das gravações. Fonte: imagem disponibilizada por Claucio Carlini.

---

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Idem.





O ano de 2014 foi o auge do projeto. Neste período quase toda a escola se mobilizou com as gravações. Com isso, cada turno conseguiu produzir seu próprio filme e a participação e responsabilidade dos alunos aumentou bastante, pois o roteiro também foi elaborado por eles. Os resultados foram excelentes, já que cada turno conseguiu trabalhar bem em equipe. A turma da noite fez roteiro sobre a vida e os problemas enfrentados por um drogado, a exclusão da sociedade e as conseqüentes perdas por contas do vício. O filme se intitulou “Emanuel” (Figura 2).

O turno da tarde resolveu fazer uma produção mais parecida com as histórias de Hollywood, na qual fizeram uma ficção sobre um assassino em série que começava a matar dentro do próprio ambiente escolar, desencadeando assim uma gama de suspeitos acompanhados de uma grande investigação. A produção filmica levou o nome de “Sobre os teus olhos”. Os alunos da manhã decidiram reviver as histórias das lendas folclóricas, mas de uma maneira mais espontânea e sem aquele rigor de seguir com fidelidade os acontecimentos, levando um ar de comédia, ensinando sobre as lendas do nosso folclore de uma forma mais descontraída. Podemos imaginar um pouco sobre esse tempo, na fala abaixo:

Em 2014, uma menina escolheu o roteiro da noite, era um filme que falava sobre drogas, a vida de um drogado, foi até baseado em fatos reais né, mas mudamos os nomes e tudo, é baseado na vida de um cara, um drogado, um jovem que os pais se separaram e ele caiu no muno das drogas e as conseqüências. O roteiro da tarde foi de uma menina também do terceiro ano, que pensou num roteiro de um serial killer, que começava a matar na escola e a investigação aquela coisa toda. E na manha foi um roteiro que foi pensado por alguns alunos com a minha ajuda que foi sobre as lendas folclóricas e se passaria mais ou menos sem aquele rigor, a gente tinha pouco recurso, sem um rigor assim tão grande de tentar reconstituir a época,



a gente fez um filme de comedia sobre as lendas folclóricas. (Claucio Ciarlini Neto<sup>69</sup>)

Vemos que o projeto Cinema e História produziu vários filmes, encenando os mais diversos acontecimentos sociais, desde as simples lendas folclóricas que fizeram e fazem parte da infância de muitos (talvez seja o primeiro contato que temos com o que chamamos de História e que acreditamos ser somente aquilo), até os grandes problemas da sociedade contemporânea, como a juventude caindo no mundo das drogas.

Pessoas leigas sobre a extensão dos acontecimentos que a História consegue abarcar tentam achar uma brecha para criticar a produção dos alunos, sob a direção do professor de História da escola. Sobre isso ele rebate da seguinte forma:

O pessoal pergunta às vezes pergunta, mas por exemplo, o filme da noite que fala sobre drogas né? Não é bem historia, porque se vai fazer um filme sobre historia se pensa logo num filme que se passa na Idade Média, na Ditadura como foi feito, se passando na época colonial, esses tipos de coisas, mas não, um filme como esse da noite que se passa a História de um cara drogado é também História, se sabe que tudo é História, é tudo História. (Claucio Ciarlini Neto<sup>70</sup>)

O projeto *Cinema e História* enfrentou muitas críticas durante seu funcionamento, mas sempre conseguiu rebatê-las de maneira a provar seu cunho educacional e transformador, não se deixando abalar por elas. Ele se tornou tão importante para a formação dos discentes que os mesmo não deixaram de participar das gravações mesmo não estudando mais na escola.

Com a mudança na direção da escola começaram a surgir barreiras para a manutenção do projeto e de outros que aconteciam na instituição. Não nos aprofundamos neste aspecto porque esse não era o objetivo, fica aqui a ideia para outras pesquisas. A partir do ano de 2015 os integrantes decidiram não levar mais a frente o Cinema e História, deixando que as lembranças se tornem o seu legado, pois o projeto conseguiu deixar raízes profundas nos corações dos que participaram. Ao lembrarem-se dos tempos de escola, quase que inconscientemente reviveram aqueles momentos. Mesmo nos dias atuais o Cinema e História não mais funcionando, certamente se eternizou na memória dos que ali participaram.

---

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa,, algumas vezes por necessidade, optamos por mudar o rumo dos objetivos. E com as devidas escolhas chegamos a este ponto, onde finalizamos esta jornada científica. Ao final de tudo percebemos como se tornou satisfatório falar deste tema, pois conseguimos mostrar as transformações ocorrentes no mundo que afetam diretamente a sociedade e conseqüentemente no rumo de nossas vidas.

Felicitemo-nos com a realização dos objetivos que nos propomos a concretizar, pois à medida que colocamos em pauta a educação e suas conseqüentes mudanças decorrentes das experiências sociais contemporâneas, conseguimos perceber um leque de possibilidades de pesquisas a respeito da educação dentro da esfera Parnaibana. Objetivando mostrar a utilização do cinema dentro da educação, com o foco nas aulas de História, chegamos ao Projeto Cinema e História, realizado na escola Cândido Oliveira na cidade de Parnaíba-PI entre os anos de 2011 a 2014, o que não poderia ter sido melhor, pois toda a parte teórica se concretiza com a visualização da ação deste projeto.

Fazer uma análise de como sucedeu este processo de concretização do Cinema e História através das entrevistas concedidas pelos próprios participantes e idealizadores, nos fez entender o quão importante foi para os que viveram aquele tempo, onde se petrificou lembranças que nunca serão esquecidas dos tempos de colegial.

Este trabalho não se limitou ao projeto. Antes disso nos apoiamos em autores renomados que debatiam exatamente a questão educacional, suas permanências e rupturas. E a cada parágrafo e autor que utilizávamos, ampliávamos nossa visão em relação ao papel das TICs/NTICs dentro da instituição escolar, conseqüentemente na educação. Observamos sempre uma contribuição positiva desta no ensino-aprendizagem a partir de uma utilização consciente.

Por fim, o Projeto Cinema e História nos sintetizou vários benefícios alcançados a partir de sua prática dentro do ambiente escolar, sendo tanto comportamentais dentro de sala, influenciando positivamente no rendimento do aluno, como também ajudou a resolver dilemas pessoais trazidos pelos estudantes, muitas vezes mal compreendidos. Ir para escola se tornou mais divertido e menos formal, tornando a instituição mais dinâmica e interessante para os participantes.



## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALMEIDA et al. **Os usos das tecnologias móveis na escola: uma nova forma de organização do trabalho pedagógico**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas – 2007.
- ARAÚJO, Suely Amorim de. **Possibilidades Pedagógicas do cinema em sala de aula**.
- BELL, D. 1973. **The coming of post industrial society: a venture in social forecasting**. New York: Basic Books, 1973.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, arte e política**. Brasiliense: São Paulo, 1994.
- BERUTI, Flávio. MARQUES, Ademar. **Ensinar e aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- BETTON, Gerard. **Estética do cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BURKE, Pedro. **A escola dos Annales. 1929-1989. A revolução francesa da historiografia**. São Paulo:UNESP, 1991.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CAPELLATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. **História e Cinema**. Dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2007.
- CASCARELLI, C. V. **O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem**. Revista Presença Pedagógica, vol. 4, n.20, p.29-37, mar/abr. 1998.

DOLL, C. **Psicologia e currículo: uma aproximação pedagógica e a elaboração do currículo escolar**. Barcelona: Paidós, 1992.

DRUCKER, P. 1994. **Administração de organizações sem fins lucrativos: princípios e práticas**. São Paulo: Pioneira, 1994.

DUARTE, Rosália. **A pedagogia da imagem fílmica: filmes como objeto de pesquisa em educação**. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 103-124, 2000. \_\_\_\_\_. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FENELON, Déa Ribeiro. **"Cultura e História social: Historiografia e pesquisa"** In : Projeto História. Volume10. São Paulo, PUC SP, dezembro 1993 .(p73 - 90 ).

FERREIRA, Carlos Augusto Lima (org). **Ensino de história: reflexões e novas perspectivas**. Salvador: Quarteto, 2004

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FIGUEIREDO. Luciano R. **História e informática: o uso do computador**. In CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um re (exame) das relações entre educação e estrutura econômica social e capitalista**. São Paulo: Cortez, 1996.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

JUNIOR, Arnaud Soares de Lima. **Tecnologias inteligentes e educação: currículo hipertextual**. Salvador: Quartet, 2005.

KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

KENSKI, Vani Moreira. “**O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias**. In:” VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Didática: O ensino e suas relações*. Campinas: Papirus, 1996.

LÉVY, P. 1999. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortes, 1998.

MARCUSE, Herbert. **A Arte na Sociedade Unidimensional**. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da Cultura de Massa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pg. 245-256.

MORAN, José Manuel. **As mídias na educação**. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/mídias\\_educ.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/mídias_educ.htm)>, data: 22/08/2008. Último acesso em: 03/04/2016.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. Campinas: Papirus, 2002.

MORETTIN, Eduardo Victorio. **Cinema e história: uma análise do filme “Os Bandeirantes”**. 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MORETTIN, Eduardo. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. In: CAPELLATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. *História e Cinema. Dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado**. In: CAPELLATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. *História e Cinema. Dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo:Contexto, 2003. 249p.

PAPERT, S. Logo: **computadores e educação**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PORTO, Tania Maria Esperon. **As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas**. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a05v11n31.pdf>, data: jan/abr/2006. Acesso em 05/04/2016.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas: Papyrus, 1996.

REIS, José Carlos. **Nova História e tempo histórico**. A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. Ed Ática SA, São Paulo 1994.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ROSSINI, Miriam de Souza. **As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real**. 1999. Tese (Doutorado em História), 1999. 416f. Programa de Pós-graduação em História da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SCHEIBE, L. **Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação**. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul.-set. 2010.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. **Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica**. Ciência & Educação, v. 15, 2009.

TAKAHASHI, T. 2000. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TEIXEIRA, A. G. D. **Um levantamento de percepções de professores sobre a tecnologia na prática docente**. Linguagens e Diálogos, v. 2, n. 1, p. 159-174, 2011.

TONETTO, Maria Cristina. **Cultura e imagem**: o cinema neo-realista no Mercosul – 1955 a 1962. Dissertação. Mestrado em Integração Latino-americana. Universidade Federal de Santa Maria. 2006.

WEINERT et al. **O uso das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar das séries iniciais**: panorama inicial. R. B. E. C. T., v. 4, n. 3, set. – dez. 2011.

ZENORINIE et al. **Motivação para aprender**: relação com o desempenho de estudantes. Paidéia, v. 21, n. 49, p. 157-164, maio – ago. 2011.

#### APÊNDICE- Roteiro das entrevistas

- 1- Como surgiu o projeto?
- 2- Como conseguiram o material cinematográfico?
- 3- Por que um projeto envolvendo cinema e outra arte?



- 4- O que levou você a participar do projeto Cinema e História?
- 5- Como você via o projeto na época e como você vê hoje?
- 6- Você acha que o projeto influenciou positivamente no comportamento e interesse educativo?
- 7- Existiam críticas por parte dos professores que não participavam do projeto? E se existiam como vocês lidavam com elas?
- 8- Onde eram exibidos os filmes produzidos?
- 9- O que você sentiu no momento em que você assistiu ao próprio filme que você estrelou?
- 10- A aproximação entre professor e alunos melhorou durante e depois do projeto?
- 11- Qual era a reação dos outros alunos que não participavam do projeto?
- 12- Conte-nos uma boa lembrança no seu tempo de projeto.